

O PESSIMISMO, INSTABILIDADE E AMBIGUIDADE ASTECA BASEADO NOS ESCRITOS DOS LIVROS SEXTO E DÉCIMO DO CÓDICE FLORENTINO

Brígida Meira Marques da Silva¹

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade descrever os resultados obtidos por meio da análise da fonte: Códice Florentino, escrito por Bernardino de Sahagún. A pesquisa centrou-se em identificar como Sahagún descreveu, nos Livros Sexto e Décimo, as concepções de mundo e vida dos astecas. O objetivo principal é analisar se existiu entre os astecas uma visão de mundo pessimista, fomentado pela crença na instabilidade do cosmos. Pretende-se, com isso, analisar como a crença do desequilíbrio do cosmos e destruição do mundo promoveu entre os astecas uma possível visão pessimista acerca do mundo, gerando instabilidade e ambiguidade. E, também, como a vida asteca, em diversos contextos e acontecimentos, era influenciada por essas concepções.

Palavras-chave: Códice Florentino; Pessimismo; Ambiguidade.

AZTEC PESSIMISM, INSTABILITY AND AMBIGUITY BASED ON THE WRITINGS OS THE SIXTH AND TENTH BOOKS OF THE FLORENTINE CODEX

ABSTRACT: This article aims to describe the results obtained through the analysis of the source: Códice Florentino, written by Bernardino de Sahagún. The research focused on identifying how Sahagún described, in the Sixth and Tenth Books, the Aztecs' conceptions of the world and life. The main objective is to analyze whether there was a pessimistic world view among the Aztecs, fostered by the belief in the instability of the cosmos. It is intended, therefore, to analyze how the belief in the imbalance of the cosmos and destruction of the world promoted among the Aztecs a possible pessimistic view of the world, generating instability and ambiguity. And, how Aztec life, in different contexts and events, was influenced by these conceptions.

Keywords: Florentine Codex; Pessimism; Ambiguity.

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1288391852336687>. E-mail: brigidamarques57@gmail.com.

Introdução

Mais conhecido como *Historia General de Las Cosas de La Nueva España*, o Códice Florentino é um conjunto de doze livros produzidos entre 1545 e 1578, posterior a conquista espanhola². A obra contém informações sobre as populações nahuas, sendo composta por um texto em nahuatl e em espanhol, imagens e pinturas³, e organizado por Livros e Capítulos temáticos. Os Livros analisados foram o Sexto e Décimo, pois contém diversas informações e práticas relacionadas à Filosofia Moral e Virtudes dos povos nahuas.

O principal autor do Códice, Bernardino de Sahagún, com intuito de promover uma evangelização profunda entre esses povos, juntamente com alguns nativos, elaborou uma obra que serviria como manual para os franciscanos compreenderem melhor a cultura nahuatl e, assim, promover uma evangelização eficaz. Durante a produção, o Frei contou com a ajuda de nahuas que contribuíram significativamente para coletar informações sobre o mundo anterior à chegada dos espanhóis. A relação entre o Frei e os nativos pode ser compreendida devido ao contexto histórico do período, no qual havia a intenção das autoridades civis e eclesiásticas de transmitir aos nativos a cultura europeia cristã, promover uma nova sociedade e fazer com que eles esquecessem a cultura e religião nativa.

No entanto, mesmo com a participação dos nativos, as práticas, crenças, sistemas políticos e filosóficos dos nahuas foram categorizados por conceitos europeus e cristãos. O Frei utilizou-se de métodos comparativos entre ambas as culturas - nahuatl e europeia -, para facilitar a compreensão

² FRAGA, Daniella Machado. *A dualidade do discurso: conhecimento e dominação através do Códice Florentino-Bernardino de Sahagún, México, 1588*. IN: X Jornada de estudos históricos: Professor Manoel Salgado/PPGHIS-UFRG. Rio de Janeiro, 2015. p. 10.

³ Informações retiradas do artigo: FRAGA, Daniella Machado. *A dualidade do discurso: conhecimento e dominação através do Códice Florentino-Bernardino de Sahagún, México, 1588*. IN: X Jornada de estudos históricos: Professor Manoel Salgado/PPGHIS-UFRG. Rio de Janeiro, 2015.

acerca da cultura nativa. Por isso alguns termos empregados na fonte são ocidentais e cristãos, como a noção de um Deus único, e os seguintes termos, bênçãos, virtudes, pessimismo, entre outros. No decorrer do artigo será problematizado a influência ocidental e cristã relacionada às temáticas priorizadas.

De acordo com as orientações de Eduardo Natalino, o contexto e especificidades de cada povo devem ser consideradas ao analisar a fonte. O autor argumenta ser fundamental na “leitura de *Historia General de Las Cosas de La Nueva España* como fonte de informação básica histórica sobre o mundo mesoamericano não deixar de levar em conta a inserção de seu autor nesse projeto missionário, responsável, em grande parte, pela escolha dos conteúdos e pela estrutura dessa narrativa”⁴.

Por isso, ao estudar as concepções de mundo astecas descritas no material estudado, considerou-se a interferência de Sahagún e a influência que os conceitos europeus exerceram, devido a possibilidade de alterar o significado da cosmogonia asteca. Sendo assim, a metodologia aplicada priorizou estudar bibliografias que analisaram fontes nativas, obras produzidas exclusivamente pelos nativos, para então compará-las com os conteúdos do Códice Florentino. Nesse sentido, no livro *Deuses do México Indígena*, Natalino realiza comparações entre os conteúdos das fontes nativas e fontes coloniais, de modo que essas foram importantes durante a análise do Códice, ao permitirem compreender quais conteúdos do Códice se aproximam das perspectivas que os próprios nahuas possuíam sobre si mesmos.

Privilegiou-se concepções astecas de mundo e vida gerais, na busca de compreender como essas concepções gerais influenciavam o cotidiano e os acontecimentos simples. Procurou-se entender como diversas

⁴ SANTOS, Eduardo Natalino. *Deuses do México Indígena*. 1º ed, São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 335.

concepções de mundo interferiam nas interpretações e comportamentos astecas sobre acontecimentos e contextos diferentes.

Visões de mundo: Pessimismo em debate no mundo asteca

O intuito de analisar o pessimismo entre os astecas, surgiu devido a leitura das obras dos autores, Jacques Soustelle e Miguel León Portilla. Percebeu-se a necessidade de compreender se o Códice Florentino também expressava vestígios dessa visão, com objetivo de identificar se esta concepção é apenas uma interpretação dos autores acima, ou se está presente no Códice e em fontes nativas. Para isso, considera-se fontes nativas, como os poemas nahuatl estudados por Miguel León Portilla, na obra *La Filosofía Nahuatl: Estudiada em sus fuentes*, que será mencionada à frente.

O principal objetivo não é afirmar se há ou não uma concepção pessimista sobre o mundo entre os astecas, mas sim, buscar interpretações e caminhos diferentes para estudar tais questões, com intuito de compreender melhor o mundo mesoamericano.

Ao observar que nos Livros Sexto e Décimo do Códice Florentino contém diversas palavras negativas que expressam um pessimismo acerca do mundo e da vida no geral, pretende-se discutir sobre a presença de uma concepção de mundo pessimista entre os astecas.

Para isso, foram analisados os diversos contextos que expressam uma negatividade, já que não foi encontrado na fonte o conceito pessimismo. Os trechos selecionados abaixo apresentam palavras, termos e conceitos que possuem significados negativos ou pessimistas. A presença destes termos e palavras na fonte permitiu identificar em quais contextos existe o pessimismo.

Nascimento de um bebê e sua função no mundo: Você chegou a este mundo, um lugar de muitos trabalhos e tormentos, onde há calor intemperante e frio intemperante, e ventos, onde é um lugar de fome e sede, e de cansaço e frio e choro Não podemos realmente

dizer que é outra coisa, mas um lugar de lágrimas, tristeza e raiva. Oh, dor que você veio a este mundo não para se divertir, nem para ser feliz, mas para ser atormentado e afligido nos ossos e na carne! Você tem que trabalhar e você tem que labutar e você tem que se cansar. Para isso você entrou neste mundo.⁵

Medo de ser castigado, neste caso o castigo é viver na pobreza, caso não reconheçam as bênçãos enviada pelos deuses: E se este povo por quem eu imploro e imploro que você faça o bem a eles não sabe o bem que você lhes dá, você tirará o bem e lançará a maldição sobre eles para que todo o mal chegue até eles e eles sejam pobres, necessitado, aleijado e aleijado, cego, e surdo, e então ficará assustado e verá o bem que tinha e em que parou, e então ele o chamará e o acolherá, e você não o ouvirá porque na hora da fartura não soube o bem que lhe fizeste.⁶

Metáfora falando que Deus castiga demais: Por acaso passei por cima da cabeça dele, enquanto ele dormia, menosprezando-o um pouco? ' Essa metáfora é dita por aqueles que reclamam de nosso Senhor Deus que ele os maltrata ou os aflige demais. Dizem o mesmo de alguma outra pessoa que se queixa de que a aflige injustamente ou sem razão.⁷

Castigo para quem desfaz de Deus:[...] quem despreza e despreza o serviço de nosso senhor, ele mesmo fará uma ravina e um abismo no qual cairá, e nosso senhor o ferirá e apedrejará com podridão do corpo, com cegueira dos olhos ou com outra doença, para que viva

⁵ "Has llegado a este mundo, lugar de muchos trabajos y tormentos, donde hay calor destemplado y frío destemplado, y vientos, donde es lugar de hambre y de sead, y de cansancio y de frío y de lloro. No podemos dezir con verdad que es otra cosa, sino lugar de lloros y de tristeza y de enojo. Ay, dolor que has venido a este mundo no para gozarte, ni para tener contento, sino para ser atormentado y afligido en los huessos y en la carne! Havéis de trabajar y havéis de afanar y havéis de cansaros. Para esto havéis embiado a este mundo". SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. pp. 457 e 461.

⁶ "Y si este pueblo por quien te ruego y suplico que le hagas bien no conosciere el bien que le dieres, le quitarás el bien e echarle has la maldición que le venga todo el mal para que sea pobre, necesitado, e manco e coxo, ciego e sordo, y entonces se espantará e verá el bien que tenía y en qué ha parado, y entonces te llamará y se acogerá a ti, e no le oirás porque en el tiempo de la abundancia no conosció el bien que le hizistes.⁶". SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. p. 358.

⁷ "¿ Por ventura atravesé por sobre la cabecera de él, estando dormiendo, menospreciándole en pouco? ' Esta metáfora dizen los que se quexan de nuestro señor dios de que los maltrata o aflige demasiadamente. Lo mismo dizen de alguna otra persona quejándose que le aflige injustamente o sin razón". SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. p. 492.

miseravelmente na terra, e deixe a miséria, a podridão e a última aflição, o último infortúnio o dominar.⁸

Essas passagens do Códice Florentino fomenta a noção de que havia uma visão pessimista entre os astecas, dado que foi possível identificar na fonte e, também nas historiografias estudadas, certa negatividade. Considera-se esta negatividade como um pessimismo em variados contextos, não apenas relacionados à religião. Supõe-se que, se existe a mesma visão em contextos e acontecimentos diversos, é um indício de que estava presente entre eles uma concepção/visão comum, que permeava a sociedade asteca independentemente da situação.

No entanto, o conceito “pessimismo” não era conhecido entre os astecas, sendo uma atribuição feita por alguns historiadores para designar concepções do mundo asteca que se equipara à ideia do pessimismo ocidental. E, como foi citado anteriormente, Jacques Soustelle compartilha da perspectiva de que há uma visão pessimista entre os astecas:

Sua vida no outro mundo não dependia absolutamente de considerações morais. Seu dever era lutar e morrer pelos deuses e pela preservação da ordem do mundo. Além disso, feitiçaria e presságios dominavam a vida cotidiana. É um fato notável que uma visão tão pessimista tenha podido coexistir com o maravilhoso dinamismo da civilização asteca.⁹

⁸ “[...] el que menosprecie y desdeña el servicio de nuestro señor, él mismo haze barranco y sima en que caya, y nuestro señor le herirá y le apedreará con podredumbre del cuerpo, con cequedad de los o con otra enfermedad, para que viva miserable sobre la tierra, y se enseñoree de él la miseria, la podreça y la última aflicción, la última desventura”. SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. p. 480.

⁹ “Su vida n el otro mundo no dependía en nada de consideraciones morales. Su deber consistía en combatir y morir por los dioses y por la conservación del orden del mundo. Además, la hechicería, los augurios y los presagios dominaban la vida cotidiana. Es un hecho notable que una visión tan pesimista haya podido coexistir con el maravilloso dinamismo de la civilización azteca”. SOUSTELLE, Jacques. *El universo de los aztecas*. 6º ed, México: Fondo de Cultura Económica, 1996. pp. 56 e 57.

Outro autor que recorre ao termo “Pessimismo”, baseado nos poemas nativos, para explicar concepções do mundo nahuatl é Miguel León Portilla. Segundo ele:

Tal conclusão cósmica de natureza pessimista não só não fez os nahuas perderem seu entusiasmo vital, mas foi precisamente o motivo último que os levou a se superar de duas maneiras completamente diferentes: os astecas se orientaram pelo caminho do que hoje conhecemos chamaria o misticismo de imperialista.¹⁰

Observa-se que o autor não generaliza toda a visão de mundo nahuatl ao pessimismo, mas o apresenta como uma característica. Até aqui, é tentador afirmar que a visão de mundo asteca era, sobretudo, pessimista. No entanto, com base em outras bibliografias e na fonte, não se pode afirmar somente isso. Pois, na fonte e na historiografia acerca do tema, é visível outras visões/concepções astecas sobre o mundo, não somente o pessimismo.

Ambiguidade como visão de mundo e vida asteca

Além do pessimismo, a questão da ambiguidade também é presente na fonte. Eduardo Natalino aborda sobre isto relacionado às divindades. Para ele, “essa relação de atributos confirma o que parece ser uma das principais características das deidades mesoamericanas: a ambiguidade”¹¹. Pensando que as divindades eram fundamentais para a sociedade asteca, e nahuatl no geral, supõe-se que essa característica das divindades estava presente entre esses povos. Já que, esses, organizavam o seu modo de vida com base em doutrinas religiosas e no equilíbrio dos cosmos - que era estabelecido pelos deuses e, logo, absorviam para si características e ações

¹⁰ “Tal conclusión cósmica de carácter pesimista no sólo no hizo perder a los nahuas su entusiasmo vital, sino que fue precisamente el móvil último que los llevó a superarse en das formas por completo distintas: los aztecas se orientaron por el camino de lo que hoy llamaríamos misticismo imperialista”. PORTILLA, León Miguel. *La Filosofía Nahuatl: Estudiada em sus fuentes*. 3º ed, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983. pp. 167.

¹¹ SANTOS, Eduardo Natalino. *Deuses do México Indígena*. 1º ed, São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 190.

dos deuses¹². Isso se dá porque “a fronteira entre os homens e deuses no pensamento mesoamericano era muito mais fluida do que no pensamento ocidental do século XVI, no qual era praticamente intransponível”¹³.

Dessa forma, observa-se que a presença da ambiguidade na fonte e nos discursos referentes às doutrinas que deveriam ser ensinadas às crianças, como no trecho:

Não são, que desde que voltaram ao mundo, pensam que neste mundo há prazeres sem perigos, e há segurança sem engano, e que certamente podem dormir e que não precisam de nenhum trabalho, nem de buscar a Deus para que ajude oferecendo incenso à noite e levantando-se para lavar. ¹⁴

Como supracitado acima, identifica-se que a ambiguidade é nítida quando se diz que não “há prazeres sem perigos, e [não] há segurança sem engano”. Ou seja, há prazer, e, ao mesmo tempo, perigos, seguridade e enganar. Sendo assim, a visão de mundo asteca não é somente pessimista, mas também ambígua, assim como os deuses. Em outros contextos também é nítido este aspecto, por exemplo, quando os pais ensinavam para suas filhas a doutrina:

[...] e que neste mundo não há verdadeiro prazer ou verdadeiro descanso, mas antes disso há empregos e aflições e cansaço extremo, e abundância de misérias, pobreza. Oh, minha filha, que neste mundo seja um lugar de lágrimas e aflições e de descontentamento, onde há ar frio e intemperante e grande calor do sol, que nos aflige, e é um lugar de fome e sede! Isso é muito verdadeiro e sabemos por experiência própria. Observe bem o que estou lhe dizendo, minha filha, que este mundo é ruim, doloroso, onde não há prazeres sem ser acompanhado de muita tristeza, que não há descanso que não seja acompanhado de muita aflição aqui

¹² Para saber mais sobre consultar: BORDIN, Reginaldo Aliçandro. *A Educação Asteca nos seus Aspectos Formais e Informais*. Revista CESUMAR-Ciências humanas e Sociais Aplicadas, Vol. 7, Maringá (PR), 2002.

¹³ SANTOS, Eduardo Natalino. *Deuses do México Indígena*. 1º ed, São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 187.

¹⁴ “No lo son, que como han venido nuevamente al mundo, piensan que en este mundo hay prazeres sin peligros, y hay seguridad sin engaños, y que seguramente pueden dormir y que no tienen necesidad de ningunos trabajos, ni de buscar a dios para que los ayude ofreciendo encienso de noche y levantándose a varrer”. SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. p. 440.

neste mundo. Isso se diz dos antigos que nos deixaram para que ninguém seja afligido com muitas lágrimas e muita tristeza.¹⁵

A ambiguidade pode ser vista como uma forma de agir perante as dificuldades, de forma que não haja somente lamentações e sofrimento. Portilla aborda mais sobre esse aspecto em *Los Antiguos Mexicanos*:

Tal é, de acordo com a sabedoria antiga, a condição do homem na terra. Este é um lugar de alegria dolorosa; poucas são as coisas que dão prazer, mas, no entanto, não temos que viver reclamando por isso. É preciso continuar vivendo para cumprir a missão que nos foi imposta pelo Dono do próximo e do próximo.¹⁶

Neste cenário, é visível que os pensamentos sobre a morte e destruição eram comuns entre os nahuas, como expressa a fonte, e Portilla argumenta que nas poesias nahuatls também:

É tão grande é a insistência nesses pensamentos sobre a mudança, a morte pessoal e a morte do mundo, que qualquer pessoa familiarizada com a poesia do mundo indígena tenderá a descrevê-la como a expressão melancólica de um povo perenemente afligido pela ideia de destruição inevitável.¹⁷

¹⁵ “[...] y que en este mundo na hay verdadero plazer ni verdadero descanso, mas antes hay trabajos y aflicciones y cansancios estremados, y abundancia de miserias, pobrezas. Oh, hija mía, que en este mundo es lugar de lloros y aflicciones y de descontentos, donde hay fríos y destemplanças de aire y grandes calores del sol, que nos aflige, y es lugar de hambre y de sed! Esto es muy gran verdad y por experiencia lo sabemos. Nota bien lo que te digo, hija mía, que este mundo es malo, penoso, donde no hay plazer sin que no esté junto con mucha tristezas, que no hay descanso que no esté junto con mucha aflicción acá en este mundo. Este es dicho de los antiguos que nos dexaron para que nadie se aflige con demasiados lloros y con demasiada tristeza”. SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. p. 409.

¹⁶ “Tal es, de acuerdo con la antigua sabiduría, la condición del hombre en la tierra. Es éste un lugar de alegría penosa; pocas son las cosas que dan plazer, pero, sin embargo, no por esto hemos de vivir quejándonos. Es necesario seguir viviendo para cumplir asi la misión que nos ha impuesto el Dueño del cerca y del junto”. PORTILLA, Leon Miguel. *La Filosofía Nahuatl: Estudiada em sus fuentes*. 3º ed, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983. p.151.

¹⁷ “ Y tan grande es la insistencia en estos pensamientos sobre el cambio, la muerte personal y la muerte del mundo, que quien esté familiarizado con la poesía del mundo indígena, se sentirá inclinado a calificarla de expresión melancólica de un pueblo perennemente afligido por la idea de una destrucción inescapable”. PORTILLA, Leon Miguel. *La Filosofía Nahuatl: Estudiada em sus fuentes*. 3º ed, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983. pp. 174 e 175.

Como apresentado por Portilla, os nahuas tinham pensamentos negativos e melancólicos, mas isso não os impediam de viverem bem. Tendo a instabilidade do mundo como uma realidade, os astecas encontraram formas de manter o equilíbrio do cosmos para evitar a destruição do mundo que viviam. E assim, procuraram conviver da melhor forma possível com isso, não só tentando evitar a destruição, mas também, aproveitando as coisas boas enviadas pelos deuses:

Nosso senhor nos deu o riso e o sono, e a comida e a bebida com que crescemos e vivemos. Ele também nos deu o ofício da geração com a qual nos multiplicamos no mundo. Todas essas coisas dão algum conteúdo à nossa vida por pouco espaço para nos afligirmos com lágrimas e tristezas contínuas. E embora seja assim e este seja o jeito do mundo, que há alguns prazeres misturados com muito cansaço.¹⁸

Portanto, a visão pessimista fazia parte da concepção de mundo asteca, mas não era única, já que existiam outras visões/concepções, como a ambiguidade. Tanto o pessimismo, quanto a ambiguidade conviviam com a ideia da destruição do mundo e a instabilidade dos cosmos, de forma que tal ideia gerava instabilidade e pessimismo entre eles.

A crença na instabilidade: contextos, acontecimentos e interpretações

Nos Livros Sexto e Décimo do Códice em variados contextos observa-se a instabilidade em diversos assuntos e acontecimentos entre os astecas. Essa, fruto de uma crença sobre o desequilíbrio do cosmos, relaciona-se diretamente com as divindades. Segundo Reginaldo Bordin:

Na legitimação dessa visão de mundo, os astecas acreditavam que seus deuses haviam criado o universo por quatro vezes, mas este fora destruído e recriado sucessivamente, o que demonstra a

¹⁸ “Nuestro señor nos dio la risa y el sueño, y el comer y el beber con que nos criamos y vivimos. Dionos también el oficio de la generación con que nos multiplicamos en el mundo. Todas estas cosas dan algún contento a nuestra vida por poco espacio para que nos aflijamos con continuos lloros y tristezas. Y aunque esto es así y éste es el estilo del mundo, que están algunos prazeres mezclados con muchas fatiga”. SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. p. 409.

instabilidade do cosmos, que já nasceu condenado à destruição. Para responder a esse quadro de ameaça, a religião foi organizada no sentido de preparar o homem para conviver com a possibilidade de destruição.¹⁹

Uma das formas de se preparar para a destruição, é aceitar que esta ocorrerá, devido ao desequilíbrio do cosmos. Talvez, por isso, a instabilidade seja transferida para outras perspectivas e contextos. Na fonte é possível identificar em diversos contextos essa questão, por exemplo, quando os pais compartilhavam a questão da instabilidade para os filhos como uma forma de prepará-los para o mundo:

Eu concordei, pensei em te contar algumas coisas que te preenchem, por causa da obrigação que tenho para com você, que sou seu pai e sua mãe. Eu quero cumprir o meu dever, porque se amanhã ou outro dia Deus me levar e me tirar da terra [...] porque estamos sujeitos à fraqueza humana e à morte, e nossa vida na terra é muito incerta. [...] Ninguém escapa dos altos e baixos deste mundo, e dos redemoinhos e tempestades que existem nele, ou das falsidades e consolações e duplicidades e palavras falsas que existem nele. Muito enganoso é este mundo.²⁰

A incerteza demonstrada pelo pai ao dizer que “ninguém escapa dos altos e baixos deste mundo” expressam uma visão instável sobre sua permanência e vivência na terra, já que não há certeza no mundo e sobre sua condição nele. A doutrina ensinada pelo pai faz questão de expressar isso, correspondendo com a crença na destruição que provoca a instabilidade.

Neste contexto, além de ensinar sobre o mundo para um filho, a instabilidade, também, é presente em todo o percurso da gravidez,

¹⁹ BORDIN, Reginaldo Aliçandro. *A Educação Asteca nos seus Aspectos Formais e Informais*. Revista CESUMAR-Ciências humanas e Sociais Aplicadas, Vol. 7, Maringá (PR), 2002. p. 23.

²⁰ “He acordado, he pensado de dezirte algunas cosas que te cumple, por la obligación que te tengo, que soy tu padre y madre. Quiero hazer mi dever, porque si mañana o ese otro día dios me llevare y quitare de sobre la tierra [...] porque estamos sujetos a la flaqueza humana y a la muerte, y nuestra vida sobre la tierra es muy incierta. [...] No se escapa nadie de las decendidas y subidas de este mundo, y de los turbellinos y tempestades que en él hay, o de las falsedades y solazamientos y doblezes y falsas palabras que en él hay. Muy engañoso es este mundo”. SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. p. 416.

nascimento e cuidados do bebê²¹. Destaca-se um trecho no qual demonstra-se um pensamento instável/duvidoso da grávida referente a sua gravidez e a vontade dos deuses em lhe conceder essa bênção, que é o filho:

É verdade, você já ouviu falar, que nosso senhor já tem o bem de querer nos dar uma pedra preciosa e uma pena rica. Por acaso, será para trazer à luz o que começou? Ou por acaso perderei esse benefício e não desfrutarei da minha criatura? Não sei o que nosso senhor pretende fazer neste negócio. A propósito, sei disso, que em mim não há mérito algum para que eu venha à luz e nasça no mundo. Duvido que nosso senhor lhe dê luz para que se conheça a misericórdia que me fez. [...] não sei se ele vai ver; Não sei se ele saberá; Não sei se ele verá sua imagem, que é a criatura que está em mim, ou se por acaso nosso senhor, que está em toda a parte, quer rir de nós, destruindo-o como água ou dando-lhe alguma doença em sua ternura, ou nascerá sem tempo e não partirá com desejo de geração, porque nem nosso choro nem nossa penitência merecem outra coisa. Esperemos em nosso Senhor. Por acaso não merecemos.²²

Percebe-se que a crença na instabilidade do cosmos está presente no pensamento da grávida sobre sua gravidez. Esta questiona-se se é ou não uma bênção divina, ou talvez, uma forma de ser castigada por ele, caso perca a criança. Ela assume que não é merecedora dessa bênção, expressando uma humildade que é abordada de maneira frequente como

²¹ SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I e II. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. pp.436 a 464.

²² “Verdad havéis oído, que ya nuestro señor tiene por bien de nos querer dar una piedra preciosa y una pluma rica. ¿Por ventura tendrá por bien de sacar a luz lo que está comenzado? ¿O por ventura perderá este beneficio y no gozaré de mi criatura? No sé lo que nuestro señor tiene propósito de hazer en este negocio. Por cierto esto sé, que en mí no hay merecimiento para que venga a luz y nasca en el mundo. Duda tengo que nuestro señor le dé luz para que se conozca la merced que me ha hecho. [...] No sé si lo verá; no sé si conocerá; no sé si verá a su imagen, que es la criatura que esta en mí, o si por ventura nuestro señor, que está en todo lugar, se quiere reír de nosotros, deshaziéndole como agua o dándole alguna enfermedad en su ternura, o nacerá sin tiempo y no dexará con el desseo de generación, porque ni nuestro lloro ni nuestra penitencia merece otra cosa. Esperemos en nuestro Señor. Por ventura no lo merecemos”. SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. p. 441 a 442.

uma virtude na fonte²³, de acordo com Pérez Hernández Julieta, essas virtudes foram comparadas com as virtudes cristãs²⁴.

Neste cenário, a instabilidade corresponde às dúvidas que cada pessoa deve ter, e às virtudes que acreditavam que tinha ou não. Portanto, é um exemplo de como a crença na instabilidade do mundo afeta os pensamentos e os valores morais na sociedade asteca, estando presente em diversos cenários.

Os astecas criaram mecanismos para tentar evitar o desequilíbrio dos cosmos e a destruição do mundo, e para isto todos deviam seguir a doutrina e manter as virtudes ensinadas²⁵. Sendo assim, quem não respeitasse a doutrina era julgado como uma pessoa ruim e desvirtuada.

No Capítulo Primeiro do Livro Sexto do Códice²⁶ há uma descrição das qualidades e defeitos de cada parente no núcleo familiar, e desrespeitar a doutrina é visto como algo ruim que desqualifica a pessoa, por exemplo: “em mau filho [...] joga a boa doutrina para trás com desdém”²⁷. É negativo não seguir a doutrina porque esta é um mecanismo de manutenção do mundo, de forma que, ao não segui-la, a pessoa coloca todo o coletivo em perigo, pois pode desequilibrar o cosmos e causar a destruição do mundo. Identificou-se que o receio da instabilidade do cosmos influencia até no julgamento sobre as pessoas, o que gera cobranças e receios e, possivelmente, interfere nas relações pessoais e no convívio.

²³ SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo II. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. p. 469.

²⁴ JULIETA, Pérez Hernández Andrea. *Análisis historiográfico del libro Historia General de las cosas de Nueva España de Fray Bernardino de Sahagún*. México: UNAM - Universidad Nacional Autónoma de México. Não paginado.

²⁵ PORTILLA, Leon Miguel. *La Filosofía Nahuatl: Estudiada em sus fuentes*. 3º ed, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983. p. 144. 1983.

²⁶ SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I e II. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. pp. 127 a 130.

²⁷ “em mal hijo [...] echa a las espaldas la buena doctrina con desdén”. SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo II. 4º ed, Espanha: Dastin, 2009. p. 128.

Contudo, verifica-se que entre os astecas existia uma “norma de vida [que] estabelecia a religião, nela, homens e mulheres eram igualmente sujeitos às normas sociais estabelecidas, e obrigados a cumprir o papel designado para manter o equilíbrio cósmico e social”²⁸ e, desta forma, os comportamentos foram moldados de acordo com essa crença na instabilidade, o que explica o motivo desta estar presente em diversos contextos, não somente no campo religioso. Ou seja, isso foi internalizado como visão de mundo que influenciava a interpretação acerca dos acontecimentos cotidianos, das suas ações e nas relações pessoais. Sendo assim, é possível afirmar que a instabilidade era uma concepção de mundo e da vida asteca, pois, influenciava toda a vida deles, não sendo apenas uma crença religiosa distante da rotina das pessoas, a instabilidade era intrínseca àqueles indivíduos.

Considerações finais

Com base em todas as informações levantadas e pesquisas realizadas pode-se considerar que a sociedade asteca apresenta, com base na fonte e nas bibliografias analisadas, uma visão pessimista acerca do mundo. Ressalta-se que, os trechos do Códice que foram identificados visões pessimistas se referem ao período anterior a presença dos europeus na América, tendo como intenção expressar as concepções de mundo astecas anterior a conquista espanhola.

A ambiguidade fazia parte desta perspectiva, até mesmo porque era uma característica dos deuses mesoamericanos, mas também por estar presente no cotidiano dos astecas.

²⁸ “norma de vida [que] estableció la religión, en ella, hombres y mujeres fueron igualmente sujetos a la normatividad social establecida, y obligados a cumplir con el rol asignado para mantener el equilibrio cósmico y social”. QUEZADA, Noemí. *Mito y Género en la sociedad mexicana*. Estudios de cultura Náhuatl, ISSN 0071-1675, N°. 26, México, 1996. p. 22.

Todo esse emaranhado de pensamentos sobre o mundo e a vida, influenciou os regimentos da sociedade, cotidiano e os comportamentos dos astecas. A questão da instabilidade gerou uma série de normas sociais e morais entre eles, levando a instabilidade para outros campos da vida, não somente na crença da instabilidade do cosmos, mas também nos acontecimentos mais simples do cotidiano. Portanto, a instabilidade e a ambiguidade podem ser vistas como pensamentos propriamente asteca de enxergar o mundo e a vida no geral. No entanto, sabe-se que entre os astecas o conceito “Pessimismo” não existia. Logo, atribuir aos astecas a visão pessimista é uma atribuição anacrônica, realizada pela historiografia.

BIBLIOGRAFIA

- Fonte: SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General De Las Cosas De Nueva España*. Tomo I e II. 4ª ed, Espanha: Dastin, 2009.
- BORDIN, Reginaldo Aliçandro. *A Educação Asteca nos seus Aspectos Formais e Informais*. Revista CESUMAR- Ciências humanas e Sociais Aplicadas, Vol. 7, Maringá (PR), 2002.
- FRAGA, Daniella Machado. *A dualidade do discurso: conhecimento e dominação através do Códice Florentino-Bernardino de Sahagún, México, 1588*. IN: X Jornada de estudos históricos: Professor Manoel Salgado/PPGHIS-UFRG. Rio de Janeiro, 2015.
- HERNÁNDEZ, Miriam López. *La alteridad del cuerpo femenino en estado de menstruación, embarazo, parto y puerperio entre los nahuas antiguos y contemporáneos*. Cuicuilco Revista de Ciencias Antropológicas. n. 70, México, 2017.
- JULIETA, Pérez. *Análisis historiográfico del libro Historia General de las cosas de Nueva España de Fray Bernardino de Sahagún*. México, (não tem data).
- PORTILLA, Miguel León. *Fray Bernardino de Sahagún y la invención de la antropología*. IN: PORTILLA, Miguel León. Bernardino de Sahagún: quinientos años de presencia. México, 2002.
- PORTILLA, Leon Miguel. *La Filosofía Nahuatl: Estudiada em sus fuentes*. 3ª ed, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983.
- QUEZADA, Noemí. *Mito y Género en la sociedad mexicana*. Estudios de cultura Náhuatl, ISSN 0071-1675, Nº. 26, México, 1996.
- SANTOS, Eduardo Natalino. *Deuses do México Indígena*. 1ª ed, São Paulo: Palas Athena, 2002.

SANTOS, Eduardo Natalino. *Fontes históricas nativas da Mesoamérica e Andes - Conjuntos e problemas de entendimento e interpretação*. IN: Simpósio temático: *Os índios na história: fontes e problemas*. São Leopoldo/RS, 2007.

SOUSTELLE, Jacques. *A Civilização Asteca*. 1º ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SOUSTELLE, Jacques. *El universo de los aztecas*. 6º ed, México: Fondo de Cultura Económica, 1996.